

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

BEATRIZ PEREIRA ASSIS GOMES

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

UBERLÂNDIA

2022

BEATRIZ PEREIRA ASSIS GOMES

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciatura/e/Bacharel em Teatro – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia (IARTE/UFU).

Orientadora: Dra. Mariene Hundertmarck Perobelli

UBERLÂNDIA

2022

BEATRIZ PEREIRA ASSIS GOMES

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciatura/e/Bacharel em Teatro – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia (IARTE/UFU).

Uberlândia, 2022

Banca examinadora:

Profa. Dra. Mariene Hundertmarck Perobelli – UFU

Prof. Dr. Henrique Bezerra de Souza – UFU

Profa. Dra. Renata Ferreira da Silva – UFTM

RESUMO

Este trabalho é um memorial de processo a partir de estudos e criações de experiências artísticas na contação de histórias para primeira infância. Foram realizados estudos no campo da primeira infância e da contação de histórias. A participação de cursos e grupos de estudos em formato remoto contribuiu com a minha preparação, além dos estudos dos autores que são citados ao decorrer do texto. Neste sentido, foram objetivos deste trabalho realizar estudos teóricos e práticos sobre o desenvolvimento infantil como base para a criação da linguagem de contação de histórias adequada; pesquisar e criar histórias para serem contadas à primeira infância; observar, descrever e analisar as reações e impactos das histórias contadas para as crianças. Concluímos, com os estudos e as experiências, que as contações de histórias online realizadas com crianças – em razão da Pandemia - nesta fase da vida não é o formato mais adequado para que a experiência artística e o vínculo artista-criança aconteçam. No entanto, as formas remotas de trabalho contribuíram para fortalecer a rede de estudos e criações com contadoras/es de histórias e professoras de educação infantil.

Palavras-chave: Contação de histórias, Pedagogia do Teatro, Primeira Infância, Teatro.

ABSTRACT

This work manuscript is a memorial of the process memorial from studies and creations of artistic experiences in storytelling in early childhood. Studies were carried out in the field of early childhood and storytelling. I also participated in courses and study groups in remote format, contributing to my preparation in addition to the studies of those authors. So, the main objectives of this work were to carry out theoretical and practical studies on childhood development as a basis for the creation of in order to create a storytelling language that is suitable for each stage of the early childhood; research and create stories to be told to early childhood and how children react to them; observe, describe, and analyze the reactions and impacts of the stories told to the children. We can conclude, with those studies and experiences, that online storytelling carried out with children (- due to the Pandemic) - at this stage of life is not the most appropriate way to incorporate the artistic experience and the artist-s and children bond to happen. However it is important to mention that, remote forms of work contributed to the strengthening the network of storytellers and early childhood teachers along with their creations and studies.

Key words: Storytelling, Theater Pedagogy, Early childhood, Theater.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Caderno de registros: Parte da história “A garotinha que amava flores”	24
FIGURA 2 - Caderno de registros: Parte da história “Primeiro Voo”, (Piniquim)	25
FIGURA 3 – Cantinho para contação de história	26
FIGURA 4 – Alongamento lúdico	27
FIGURA 5 – Contação “A garotinha que amava flores” (1)	28
FIGURA 6 – Contação “A garotinha que amava flores” (2)	28
FIGURA 7 – Jogo narrativo (1)	29
FIGURA 8 – Jogo narrativo (2)	30
FIGURA 9 – Descobrimo elementos através do tato	31
FIGURA 10 – Plantando (1)	31
FIGURA 11 – Plantando (2)	32

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. MEMORIAL DE PROCESSOS DE CRIAÇÃO	11
2.1. A GAROTINHA QUE AMAVA FLORES.....	11
2.2. CRIAÇÃO 2: PINIQUIM.....	17
3. A EXPERIÊNCIA PRÁTICA COM AS CRIANÇAS NO COMUFU	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
5. REFERÊNCIAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

As histórias sempre estiveram presentes na minha vida. Por muito tempo na infância foi uma rotina tê-las para dormir. Quando esquecida em algum momento, fazia questão de pedir aos meus pais que contassem uma história, mesmo que em alguns momentos a história que eu escutaria seria: “Era uma vez uma vaca chamada vitória caiu no buraco e acabou-se a história”. Era um dos momentos que me sentia próxima dos meus pais, em meio aos deveres que eles tinham. Não lembro da minha casa sem livros, tínhamos livros com histórias para cada dia do ano. O meu pai era criador de muitas histórias e cantigas improvisadas. Percebo como isso tudo deixou sua marca: histórias e canções que ficaram marcadas e o meu gosto pela leitura.

A graduação me fez despertar novamente para minha infância. Em Pedagogia do Teatro I comecei o estudo sobre a primeira infância e em PROINTER II tive a oportunidade de conhecer e praticar a contação de histórias. Diante desses novos estudos me veio a vontade de unir a técnica com a prática na intenção de levar o que aprendi em um para o outro.

Em 2020 dei início a esse processo na iniciação científica, na qual eu mergulhei em estudos sobre a primeira infância e contação de histórias aprendendo e exercitando técnicas de contação. Todavia em 2020 também tivemos o começo de uma pandemia o que nos fez adiar planos ou adaptá-los para um formato remoto, não deixei de ter meus momentos de criações, mas a forma de apresentá-las acabou fugindo do previsto. No começo até me desmotivou um pouco, mas depois vi a oportunidade de ter a experiência das duas formas, em telas como fiz na IC e no presencial agora no TCC, também as oportunidades de cursos e palestras que não seria possível participar senão online. Dentre essas oportunidades que cito estão alguns cursos, como:

- Curso “Binquí – grupo de contadores de histórias”, um é projeto de extensão da Universidade Federal de Tocantins. Visava a construção da contação de histórias, apresentando técnicas como auxílio para o desenvolvimento, resultando em vídeos finais para apresentações online (devido a pandemia). Ministrado pela professora Dra. Renata Ferreira da Silva. Carga horária de 160 horas/aulas.
- Curso “Como aprender escutando música? Estratégias de musicalização infantil”, buscando aproximar as crianças do universo do som e da música, através de práticas pedagógicas musicais, brincadeiras, vivências corporais e canto. Ministrado pelo professor Me. Edson Ribeiro Biondo Júnior. Carga horária total de 4 horas.

- Curso “Os princípios da abordagem Pikler na literatura”, que tratava de conteúdos sobre os princípios da Abordagem Pikler em ação na literatura, buscando evidenciar algumas possibilidades de atuação no dia a dia dos berçários. Professores: Ms. Wellington e Ms. Lucinda Bittencourt. Carga horária de 1h30 horas.
- Curso “Técnicas teatrais para contação de histórias infantis”, aulas que visavam possibilidades teóricas e práticas para que profissionais de diversas áreas do conhecimento pudessem enriquecer seus repertórios e oportunizar a contação de histórias infantis de modo mais desafiador e interessante às crianças. Professores: Diewerson do Nascimento Raymundo e Morgana Rodrigues da Rosa. Carga horária de 6 horas.
- Grupo de estudos sobre histórias curativas, com um olhar voltado a antroposofia. Aprofundando no conteúdo do livro Histórias Curativas para Comportamentos Desafiadores, da Susan Perrow. Estimulando a escrita criativa e a contação de histórias. Coordenadora dos estudos: Dr^a Mariene Hundertmarck Perobelli. Carga horária de 8 horas.
- Laboratório virtual de contação de histórias – Método aleatório de narração, teve como objetivo ensinar sobre a origem do método aleatório de narração, auxiliar na compreensão e na aprendizagem de como selecionar contos, mostrar mecanismos de improvisação durante as narrativas e técnicas de encenação na tradição oral. Ministrante: Rafael Jordan (fundador do núcleo condão). Carga horária de 50 horas.
- Pedagogia do Teatro III: componente curricular do curso de Teatro licenciatura. Com objetivo de abordar, estudar e experienciar a contação de histórias como uma possível metodologia de prática teatral com crianças, jovens e adultos nos espaços formais e informais de ensino. Participação como “aluna especial”. Professora: Dr^a Mariene Hundertmarck Perobelli. Carga horária de 60 horas.
- Projeto de Extensão Conexão Erê: Jornada em processos artísticos e pedagógicos em Primeira Infância, com professores da rede pública de Educação Infantil, compreendendo sobre o desenvolvimento infantil baseado na Abordagem Pikler, através de encontros virtuais semanais. Coordenadoras do projeto: Geise Martins e Dr^a Mariene Hundertmarck Perobelli. Carga horária de 80 horas.

Esses estudos e experiências foram base para minha pesquisa, tratando-se de conhecimento infantil, aprendizagem de técnicas, ampliação de repertório, apresentação de referências e também mostrando novas possibilidades metodológicas na área da licenciatura. O que agora nesse trabalho de conclusão me deu suporte para colocar em prática de forma presencial e realmente testar no campo da licenciatura, uma vez que minha pratica se desenvolve em uma oficina do COMUFU (Estágio Supervisionado 4), que ministrei, voltada para contação de histórias e jogos dramáticos com crianças. E são essas minhas experiências e relatos, que agora fazem parte desse texto.

No capítulo memorial de processos de criação, que se segue, vou discorrer sobre dois processos de criação “A garotinha que amava flores” e “Piniquim”, tentando me aprofundar um pouco mais nos mecanismos que me ajudam num momento de elaboração da contação e também como cheguei nessas histórias ou elas chegaram até mim. Acredito que as histórias também escolhem ser contadas. Essas experiências aconteceram durante o período de trabalhos remotos devido à pandemia.

No capítulo a experiência prática com as crianças no COMUFU, apresento um relato sobre a minha experiência prática e presencial com a contação de histórias, dentro de uma disciplina da própria universidade, o Estágio Supervisionado IV. Este componente curricular tem como objetivo elaborar e desenvolver projetos artísticos e pedagógicos na comunidade, atendendo pelo nome de COMUFU, buscando trabalhar com diversos públicos. As oficinas de Teatro para comunidade, que tiveram início a partir de junho de 2022, aconteceram em formato presencial com divisões de trios de estagiários que ficam responsáveis pela concepção, planejamento e execução de tais oficinas. E neste capítulo descrevo uma das práticas de contação de história realizada em formato presencial na oficina, que o meu grupo realizou, sendo está uma oficina de Teatro para crianças de 5 a 7 anos.

2. MEMORIAL DE PROCESSOS DE CRIAÇÃO

2.1. A GAROTINHA QUE AMAVA FLORES

O primeiro processo de criação iniciou-se a partir do Binqú – grupo de contadores de histórias. Projeto de extensão da Universidade Federal do Tocantins, contemplado pelo edital em Movimento da Pró-reitoria de extensão e cultura, coordenado pela professora do curso de licenciatura em teatro Renata Ferreira da Silva, do qual consegui participar, nessa versão online, devido à pandemia que nós nos encontrávamos. Uma formação online para qualquer pessoa que se interessava pela contação de histórias ou buscava descobrir mais sobre o assunto. Teve como objetivo a criação de um espaço virtual de amizade e experiência criativa livre, segura e compartilhada de narrativas com foco na expressão corporal/vocal. O curso iniciou em agosto de 2020, com encontros semanais através de plataformas online (google meet) das 17 horas às 19 horas, sua finalização foi em novembro com uma turnê digital entre cursos e grupos de estudos de cidades diferentes, totalizando uma carga horária de 160 horas/aula.

Uma das primeiras coisas a se fazer no curso foi pensar a que público você queria levar a sua história e qual história você tem vontade de contar. Na minha cabeça já estava certo o público que eu queria alcançar com a minha contação de histórias, eram as crianças, não que os outros não possam também desfrutar.

Escolher uma história para ser contada sempre foi algo difícil pra mim, muitas vezes me perguntei o que seria uma boa história. E esqueci que desde que nascemos estamos rodeados de histórias.

Narramos para sobreviver, para compreender o significado das coisas que acontecem ao nosso redor, para organizar o tempo. Os bebês precisam, prioritariamente, destas experiências narrativas precoces, tanto aquelas que organizam a vida cotidiana (“Agora vou dar banho em você, vou tirar a sua roupinha, depois vamos comer e descansar...”, “Nossa, olha esse passarinho que está em cima do galho, agora saiu voando... é muito colorido!”, por exemplo) quanto as narrações poéticas, que nos dão os contos e alimentam o território da ficção (MEC/SEB, 2016, p.14).

Percebi que essa “boa história” está mais ligada no que o espectador tem interesse, ao conteúdo mais adequado a sua idade e a forma que a história é transmitida. Pois tudo pode virar uma história. Cada faixa etária exige seus cuidados na hora da escolha, mas também, trazer uma que faça sentido para o meu ser (a contadora) é algo que venho aprendendo ao longo dos meus processos criativos. Para mim, uma das primeiras coisas a se fazer é olhar o conteúdo da história. As boas histórias apresentam algum conflito a ser enfrentado e solucionado. Para a

criança, é importante que ao final dela, de alguma forma, o conflito tenha um desfecho. Sobre o olhar da pedagogia Waldorf, a criança, no seu primeiro setênio (0 a 7 anos), tem uma grande abertura em relação ao mundo. Ela recebe tudo o que lhe advém do ambiente ao seu redor, entregando-se ao mundo com confiança. Vive num estado de ingenuidade paradisíaca, num mundo em que o bem e o mal se confundem indistintamente. E é por uma imitação, ainda sem consciência, que surge o fundamento para sua moralidade futura. Cabe, portanto, aos adultos de referência, a responsabilidade sobre os conteúdos que chegam às crianças.

A criança pequena vive num estado que se caracteriza pela ingenuidade e por abertura e confiança em relação ao mundo, acolhendo, sem resistência anímica, todas as impressões que esse mundo lhe proporciona; assemelha-se, pois, a um grande órgão sensorial. Nessa fase, ela aprende por imitação (PASSERINI, 1998, p. 45).

Geralmente as primeiras histórias que compartilhamos com uma criança são as cantigas de ninar, às vezes antes mesmo de nascerem. Essas canções vão se fazer presentes ao longo da nossa vida, mesmo que tomando proporções diferentes ao crescermos. Em escolas, usamos das canções como meio de introduzir à criança um conteúdo, ajudar na organização de filas e/ou materiais, motivar a lavarem direito as mãos, dentre tantas outras coisas. Canções essas que sempre vem cheias de ritmo e rimas. Logo, canções rimadas são uma ótima opção de história para crianças pequenas. Uma canção pode ser uma história, na verdade elas são repletas de histórias. Mas também podemos nos nutrir dessas canções e buscar/criar histórias com rimas, trazendo musicalidade.

Como nas canções, as histórias acumulativas (histórias com muitas repetições, uma vez que personagens novos vão surgindo na história e uma mesma ação é repetida) tem ritmo e também apresentam rimas. Portanto, são uma ótima escolha para crianças acima de três anos. Com o amadurecimento físico e emocional, sua habilidade para imaginar e fantasiar se desenvolve. A partir daí os contos populares, contos de fadas, histórias da natureza são bem vindos, desde que sejam enredos suaves. Não quero limitar a escolha da história, minha intenção é apresentar elementos que possam despertar um interesse maior na criança de acordo com a sua idade.

Pensei em fazer algo autobiográfico, como já havia feito em uma matéria da faculdade (PROINTER II), porém as minhas lembranças no momento não se encaixavam em algo que queria passar, nem com a faixa etária de 4 a 6 anos que pretendia atender.

Enquanto lia o livro “Histórias curativas para comportamentos desafiadores”, da Susan Perrow (2013), deparei com uma história que sem pensar muito me chamou atenção. Eu me

encantei com a sensibilidade que me atravessava. No primeiro momento não pensei em contar essa história. Fui atrás de outras histórias, voltei a livros que eram lidos para mim na infância, fiquei na dúvida, pedi sugestões, ao mesmo tempo que essa primeira história não me saía da cabeça. Só então percebi que já a havia escolhido. A história da vez seria “A garotinha que amava flores”.

Por um tempo fiquei pensando por que essa história tinha me chamado tanta atenção, o que eu passaria com ela. Em uma das vezes que li me transportou para a infância, quando ficava no jardim e brincando arrancava as flores para fazer comidinha ou simplesmente por achar bonitas e querer colocá-las no cabelo. Minha avó sempre aparecia e me advertia, pois, as flores não eram para serem retiradas, iria estragar o jardim. Com essa história (A garotinha que amava flores) me perguntei se com uma explicação mais delicada e cuidadosa eu teria entendido o valor de ter as flores inteiras, vivas, pois quando minha avó se virava lá estava eu repetindo o mesmo.

Depois que cresci passei a compreender e às vezes pesa o pensar. Quando fiz estágio revivi essa experiência, momento que esta história também me fez lembrar. Os alunos haviam chegado mais cedo, ficaram no pátio da escola, pois o portão que dava para as salas ainda estava fechado. Eu e outros professores também esperávamos com eles. Observei algumas crianças arrancando flores para nos presentear, recebíamos e agradecíamos, mas isso se resultou em querer buscar ainda mais flores, até que um adulto os chamou atenção por já ter pegado muitas flores. As crianças pararam, mas não pareciam satisfeitas, talvez um pouco envergonhadas. Mais à frente pude observar que, quem tinha recebido as flores simplesmente estava jogando fora, gerando um incômodo para mim. Pois me parecia que algumas pessoas não tinham cuidado ao desfazer do presente. Se eu vi o descarte, a criança que a presenteou também poderia ter visto, esta atitude também não a incomodaria? A criança entrega uma flor como forma de afeto e amor, mas o adulto com todos os seus afazeres não para pra escutar ou perceber o contexto da criança, esquece que a criança tem uma outra visão de mundo, que a criança está se descobrindo e aprendendo. A criança, que por sua vez aprende por imitação, ao ver essa atitude de descarte sem alguma consideração, pode entender como o descarte do seu afeto. Penso se não são essas atitudes que contribuíram para nossa dificuldade, quanto adultos, de dar e receber afeto, pois também já fomos crianças.

Nessa criação eu pude sentir ainda mais claro a vontade da minha criança interior. Entendi como a história estava se fazendo presente na minha vida. Não sei como será a

percepção de uma criança, todavia era o entendimento que a minha criança interior sempre buscou.

Com o texto escolhido comecei a estruturação do mesmo, o que me levou também a memorizá-lo. Reescrevi a história tanto para visualizá-la melhor quanto para facilitar anotações que gosto de fazer, como as ações que poderiam servir para a contação. Pois a cada leitura surgem ideias novas e assim fica mais fácil filtrá-las. Depois de escrita, separei em acontecimentos e dei subtítulos (de acordo a acontecimentos da parte em questão), para ajudar a memorização e também a ver as cenas, o que está em jogo e quais as principais características de cada parte.

Com a história um pouco mais gravada no meu consciente, penso em voz, entonação e as escrevo se possível. Para chegar as entonações, me ajudou explorar tipos de narradoras:

Como seria se ela só observasse?

Se ela tivesse inveja da personagem?

Se tivesse triste por ela?

Se a narradora fosse o personagem? Entre outros...

Buscar trabalhar a respiração nesse momento também foi muito importante. Entender onde seria melhor respirar, onde a minha respiração pudesse ser uma pausa que se encaixasse na história. Peguei frases e testei várias formas. Um exercício que me ajudou a chegar nessas formas foi o arremesso de bolas imaginárias. Primeiro trago para o corpo a sensação de estar segurando uma bola, pesada, leve, pequena, grande e então como seria arremessá-la. Qual a força que seria exigida? Essa força e sensação é passada para a voz ao dizer a frase, a frase que só é completa quando a bola chegar ao chão, sendo rápida ou lenta.

A história tem a fala de um personagem muito presente, por isso me veio a vontade de fazer a voz diferenciada, o que me ajudaria também a diferenciar da narradora na contação. A partir de exercícios mimodinâmicos (metodologia de transposições de Jacques Lecoq) apresentados pela professora Renata Ferreira da Silva, fiz experimentações de corpo trazendo dinâmicas de elementos da natureza. Mover-se como chama, como riacho, como terra sólida, deixando que a movimentação traga sons e esses sons se resultem em falas. Dentre exercícios que fiz, me agradou para o personagem quando eu trouxe o elemento terra, parecia estar ligado ao personagem que é um botão de flor. Uma voz firme, mas não irada, como a do fogo que encontrei, em um certo ponto era compassiva e convidativa.

Busquei através do olhar, trazer um estado presente e uma construção de vínculo, aspectos que venho tentando trabalhar a partir dos estudos sobre a primeira infância. Todavia, no momento que nos encontrávamos (pandemia), de estudos e compartilhamentos remotos, me surgiram novos desafios. Estar próximo seria mais fácil, estabelecendo uma conexão, mas como essa proximidade não era possível no momento, um vídeo como apresentação final foi elaborado. Vincular-se com as crianças por meio de um vídeo é algo bem distante do que nos revelam os estudos sobre o vínculo na primeira infância. Tenho consciência disso. Ainda assim, já que estamos no meio de uma pandemia, seria possível buscar certo vínculo pelo olhar em uma história narrada em vídeo?

Até então só sabia o básico de como filmar vídeos, que raramente faço no cotidiano. Optei por filmagens e edições mais simples, mas não quer dizer que não precisei pesquisar sobre. Aprendi também no curso sobre planos cinematográficos, entendendo o que deveria sobressair em cada um e suas finalidades, pensando qual seria melhor para minha contação. Só com o cenário e minhas ações definidas é que consegui pensar nos planos que iria usar.

Um elemento que busquei trazer para minha contação (compondo minhas ações) foram os gestos, que vejo como uma brincadeira com o corpo, uma vez que Pikler afirma que o bebê já começa brincar no berço, com o próprio corpo, mãos, pés e voz. Tentei deixar os gestos limpos, simples e delicados, compreendendo que as crianças aprendem por repetição, sendo assim visei trazer algo que fosse fácil repetir, caso sentisse vontade. “A mão do adulto é uma importante fonte de experiências para a criança. É muito mais fácil, conseguir das educadoras um rosto sorridente, ou que conversem com as crianças, do que movimentos ternos e delicados.” (TARDOS, 2017, p.69) Tendo em vista essa contribuição de Tardos sobre a relação dos gestos da cuidadora com a criança pequena, escolhi também me inspirar nela para criação dos meus gestos durante a contação da história.

Algo que me ajudou na construção dos gestos, mesmo não sendo a intenção, foi a escolha do espaço no qual iria contar a história. Pensei em um fundo neutro, mas o que eu tinha disponível no momento não me agradava. Um dia, sentada no quintal, pensava por que não fazer ali mesmo. Seria literal demais pelo fato de a história ter um jardim? No entanto, o quintal sempre foi um lugar mágico para mim, onde passava grande parte da minha infância, inventava mundos, me machucava e descobria como era bom brincar. Senti que precisava ser ali, era como se o lugar também me proporcionasse uma potência, que agora encontrei em mim.

Em meio a construção, senti falta de algo que me ajudasse a chegar na história, a trazer a atenção do espectador. Foi quando me lembrei de um poema que já tinha sido contado a mim e que reencontrei quando procurava a história que iria desenvolver. Fazendo um curso sobre estratégias de musicalização infantil (curso online ministrado pelo professor Me. Edson Ribeiro Biondo Júnior, com o objetivo de aproximar as crianças do universo do som e da música, através de práticas pedagógicas musicais, brincadeiras, vivências corporais e canto) tive a ideia de musicalizar partes do poema e trazer como chamada para minha contação. Nessa parte, contei com a ajuda do meu pai que faz parte do coral da igreja e toca timba, na minha cidade natal. Resolvi também me arriscar em tocar um instrumento. Fizemos um arranjo que se encaixasse com o instrumento e que ao mesmo tempo fosse fácil para eu aprender dentro do tempo que tinha. Muitas vezes pensei em desistir dessa ideia porque não tocava, não “sabia” cantar, mas sentia que precisava da canção naquele momento. Então alguém me disse que não precisava ser um músico e sim estar disposta a tentar. O meu pai me auxiliou tanto na parte do canto, quanto do instrumento, por isso a escolha de um instrumento que ele já tinha conhecimento e tinha em casa. Ele me ensinou como tocar a timba e me ajudou a colocar a música no ritmo. Decidida que realmente iria cantar e tocar, todos os dias me empenhava em praticar, treinava sozinha e também com o meu pai. No começo foi difícil conciliar o cantar e o tocar, sempre esquecia de um quando me empolgava, mas com a persistência e treino consegui chegar a um resultado que considero satisfatório pelo tempo.

Com a história no meu corpo e ambientada no espaço, comecei as filmagens. A minha ideia era usar bem o espaço que tinha, não queria que pesasse todo em um lado só da cena, queria um equilíbrio. O meu pensamento sempre esteve na brincadeira durante o desenvolver da história e quando brincava não me limitava a um só canto, a correr ou a pular. Percebi então que precisaria de ajuda para filmar (foi a vez de recorrer a minha mãe para fazer as filmagens), pois comecei a pensar em uma câmera que me acompanharia, não queria algo estático, queria poder explorar mais de um plano (desde ajudar a ambientar o espaço com o plano aberto, a enquadrar apenas uma parte do meu corpo, que seria o foco do momento, com o plano detalhe). Além de pensar quais seriam minhas ações, tinha que pensar em qual ângulo seria melhor levar ao público. Para chegar no resultado final fiz e refiz várias vezes. Comecei a filmar por partes tentando entender cada cena na câmera, só depois consegui passar a história por inteira. Isso também era algo particular meu, pois eu poderia ter só pegado filmagens de cenas e juntado em uma edição, mas queria algo com menos edições, algo que fosse fácil de apresentar, se a oportunidade surgisse.

Como finalização do projeto de extensão Binqúí, foi realizado um sarau, com os participantes, um momento de partilhar nossas contações. Depois do sarau que foi algo mais fechado aos integrantes do curso, tivemos a oportunidade de fazer uma turnê digital, na qual consistia em fazer nossa contação de história em cursos e grupos de pesquisas (que tinham interesse pela contação de histórias, por esse formato online) de outras cidades. A coordenadora do curso escolhia quais seriam as pessoas que iriam em cada encontro da turnê, para que as contações não excedessem o tempo dos encontros e também para que todos os integrantes do curso pudessem participar (com o cuidado também de entender cada temática das histórias aos meios que iriam ser apresentadas). Então além do sarau do Binqúí também apresentei a minha história no projeto de extensão Conexão Erê: Jornada em processos artísticos e pedagógicos em Primeira Infância, com professores da rede pública de Educação Infantil, de Uberlândia, Minas Gerais. Nos dois lugares a minha apresentação foi bem recebida, os comentários foram semelhantes, falando do encantamento que trazia a história, da leveza e da delicadeza que eu conseguia transmitir, as simples nuances na voz e a voz que foge do meu normal para dar vida a um personagem, o estar à vontade no espaço e levar para um lado de brincadeiras. Foi uma experiência rica, mesmo não tendo apresentado para o meu público alvo, que são as crianças.

Aqui eu deixarei um link para você leitor poder acessar esse vídeo resultado, tirar suas percepções e/ou somente ver o que se formou nesse processo: <https://youtu.be/Ugz4HbxehnQ>

Essa é a história que eu precisava contar, qual seria a sua?

2.2. CRIAÇÃO 2: PINIQUIM

Participando do projeto de extensão “Conexão Erê: Jornada em processos artísticos e pedagógicos em Primeira Infância, com professores da rede pública de Educação Infantil”, no qual estudávamos sobre o desenvolvimento infantil baseado na Abordagem Pikler, através de encontros virtuais semanais, mediados pelas coordenadoras Geise Martins e Dr^a Mariene Hundertmarck Perobelli. Em um dos encontros, fizemos uma oficina para construção de um caderno de memórias brincantes, que se consiste em um caderno para anotar as observações que fazemos das crianças em nosso entorno, o que nos chama atenção ou chama a atenção delas. Escrevemos brincadeiras da nossa infância, brincadeiras que aprendemos com as crianças e brincadeiras que nos chegam.

Enquanto montava o caderno me lembrei de uma brincadeira que sempre esteve presente na minha infância. Quando comecei a crescer, pareceu-me em alguns momentos um tanto quanto boba e agora percebo novamente o seu valor, o tanto que me fazia sorrir e o momento presente com a minha família nas brincadeiras. Percebi que de uma brincadeira poderia surgir uma história e foi assim, de uma memória afetiva, que surgiu a história do Piniquim.

Você sabe como é a brincadeira do Piniquim? Talvez você a conheça por outros nomes. Se tiver curiosidade clique no link que deixarei a seguir, mostrarei como eu aprendi a brincadeira: <https://youtube.com/shorts/nxb3YttxZuY?feature=share>

Quando coloquei a brincadeira no papel, notei que ali tinha uma história, algo a ser contado. Mas sobre o que seria essa história? O que significa a palavra piniquim que era pronunciada na brincadeira? Conversando com os meus pais para saber o que significava, eles não se lembravam ao certo. A brincadeira foi apresentada a eles sem muitas explicações, afinal, não se pergunta muito quando quer brincar. Mas chegaram a comentar que achavam que o piniquim referia-se ao beliscar, uma vez que a brincadeira é praticamente um segurando a mão do outro através de beliscos.

O “beliscar” não era algo que eu queria passar nessa nova história, então comecei a pensar em como atribuir um novo significado para a palavra. Entendendo que o beliscar nesta brincadeira não está para machucar o outro, mas unir uma mão à outra, trazendo o contato, o tato e o vínculo entre os participantes. Talvez por isso tenha ficado tão presente em mim.

Nas minhas pesquisas sobre a infância, relembra como é importante estar em contato com a natureza. A natureza permite que a criança explore, teste suas capacidades, desenvolva sua autonomia, adquira novas habilidades e conhecimentos. E se a natureza tem sua importância para o desenvolvimento infantil por que não trazer essa temática na história, despertando o olhar das crianças para o que se tem na natureza, os seres que nela compõem, a sua sensibilização de percebê-la ou senti-la? “A experiência sensível com o mundo natural pode nos ajudar a nos tornar mais potentes e capazes de transformar o mundo agindo em favor da vida” (MENDONÇA, 2015, p. 18).

A brincadeira e a temática de natureza me levaram a escrever uma pequena história sobre um passarinho em um episódio da sua vida. O passarinho, que não sabia voar, que um dia caiu do seu ninho. Mas com seu esforço e ajuda dos amigos, conseguiu voltar ao ninho. Uma história simples, com desfecho feliz e esperançoso.

A Susan Perrow (2013) diz que toque, movimento, palavras suaves, musicalidade, divertimento e riso, tudo isso contribui para um laço saudável entre as crianças e os que cuidam dela. Essa visão do que seria saudável vai de encontro com a Abordagem Pikler e por isso é algo que busquei levar para a história e a contação.

Tentei introduzir gestos para contar a história que se mesclasse com a própria brincadeira, mas ao contrário da brincadeira, propus gestos suaves para que ficasse em harmonia com a narração. Para formulação do meu gestual me atentei a alguns cuidados que a Ana Flávia Basso (contadora de histórias) ensina, destinados a histórias para crianças pequenas:

- Escolher gestos simples evitando caricaturas/ descrição, facilitando a imitação da criança.
- Optar por gestos ligados ao momento real ou ao sentimento real.
- Variar sempre entre centro e periferia, visando a harmonia.
- Usar os mesmos gestos em diferentes histórias.
- Não colocar muitos gestos em uma frase, o que torna mais fácil a criança acompanhar e menos fica menos poluído.
- Fazer os gestos com clareza.
- Cuidar da passagem de um gesto para o outro.
- Atentar para o ritmo do texto.
- Priorizar cantigas, versos e histórias curtas.
- Cuidar do grau de dificuldade dos gestos, considerando a faixa etária das crianças.
- Treinar antes de fazer os gestos.

No primeiro momento pensei em uma versão da contação online seguindo os cuidados citados anteriormente, para que eu conseguisse contá-la no grupo de estudos coordenado por Mariene Perobelli, que aqui nessa pesquisa também é minha orientadora, (sobre histórias curativas, com um olhar voltado à Antroposofia) onde trabalhamos a escrita criativa e a contação de histórias. Incluí os gestos da brincadeira na história, trazendo alterações que transformam a ação de beliscar o outro e se encaminha para a imaginação de um voo. A brincadeira me levou a uma história e também me mostrou o caminho para o gestual. Aqui começou a surgir a contação. Eu já tinha a imagem principal, a imagem do Piniquim (uma mão juntando todos os dedos e se posicionando para baixo), a partir daí era entender o que a história me pedia e como surgiria de uma forma leve e como seria o bater de asas desse passarinho. O ninho vira uma mão como em garras, só que deitada (que forma um espaço para o Piniquim

ficar ao centro), desse ninho surge uma árvore que se ergue (a elevação do braço dando vida ao seu tronco).

De volta à questão da contação online, procurei fazer os gestos e olhares brincando com a câmera, testando as impressões de um olhar ou fala bem próximo da câmera, a sua tomada de distância, buscando enquadramentos que não cortassem meus movimentos, trabalhando a ideia de não deixar a contação pesar apenas em um lado do enquadramento da tela, tentando usar os três planos. Eu estava me descobrindo também no trabalho com a câmera em ponto fixo e para isso não bastaria contar somente para mim ou olhar num espelho, precisei estar de fato em frente a uma câmera. Fiz e refiz vários vídeos testando como se daria essa contação, mesmo que não fosse para apresentar em forma de vídeo, mas sim um ao vivo de forma remota. Apresentei a história em um cenário neutro, que era a proposta de início, agora penso que fazer no quintal, no jardim, traria outra vida a ela.

Depois da mostra para o grupo, os integrantes deram-me retornos, sobre a história, de como estava a contação e o que surgia de interessante. Tendo recebido e escutado os comentários continuei o trabalho nesse enquadre de vídeo, mas também comecei a pensar como seria essa transformação para fora das telas. Pois na câmera eu determino o que o espectador estará vendo, no presencial não tem como fazer esta escolha, visto que cada pessoa é livre para fazer as escolhas do olhar para os acontecimentos de cena. A partir dessa mostra, surgiu o convite de contar minha história para um grupo de crianças. Em um grupo que se reúne para falar sobre alguns temas, voltados para sua crença, cantando canções e ouvindo histórias, de forma remota. Então fui convidada a participar do encontro no dia em que o tema era natureza. Uma das coordenadoras desse encontro também faz parte do grupo de estudos que mencionei anteriormente. A proposta de início não era fazer essa contação de forma online, pois nas pesquisas que venho fazendo, compreendo o quanto o excesso de tela nessa idade é nocivo. Crianças próximas a mim, devido ao período de pandemia já estão usando óculos com um grau altíssimo. Os médicos recomendam brincadeiras ao ar livre na tentativa de fuga das telas.

Há algum tempo a Organização Mundial da Saúde (OMS) divulga recomendações diminuindo o tempo indicado para crianças passarem em frente às telas. Não é aconselhável deixar crianças passivamente em frente à TV ou qualquer outra tela. Recomendação para crianças de dois a quatro anos é uma hora por dia ou menos.

Todavia, precisamos pensar que estávamos em uma situação diferente de outras já vividas. Também não estou dizendo que precisamos banir a tecnologia. Mas sim, atentarmos

aos excessos, a um acompanhamento adequado quando a criança está em frente a uma tela, compreender que a criança não está pronta para lidar com qualquer tipo de informação, entender que a criança precisa de tempo para brincadeira livre, para estimular seus sentidos, sua autonomia e sua criatividade.

Não tive dificuldades para contar a história nesse formato, porém não consegui ver as crianças enquanto contava. A plataforma era nova para mim e só aparecia a imagem de quem estava falando. Ao final, um menino dizia ter gostado da história, mas percebi que estava tímido para falar, uma vez que eu era uma pessoa nova para eles. Mesmo não tendo muitos retornos, ao final do encontro, conversando com uma das coordenadoras, ela me falou o quanto as crianças pareciam maravilhadas com a história. Ela conseguia ver todos durante a história e todos acompanhavam atentamente com olhos brilhando e sorrisos estampados.

Essa experiência deixou claro para mim que esse meio digital, mesmo conseguindo alcançar pessoas que muitas vezes não teríamos contato, não dá conta de tudo. A interação com as crianças muitas vezes é perdida. Quando se conta ao vivo, é fácil sentir como a história está chegando no público, se é necessária uma improvisação para dar uma animada, você sente o pulsar da história e suas reverberações. Nesse caso específico em que vivenciei, fiquei pensando em algumas soluções simples, porém para mim, quanto contadora, teria feito muita diferença. Por exemplo, ter participado de um encontro anterior, para as crianças já irem se familiarizando comigo. Essa participação anterior me ajudaria também a conhecer a plataforma e assim talvez eu conseguisse arrumar um meio de ver todas as pessoas da reunião enquanto fazia a contação, ou talvez ter feito a reunião em uma plataforma que isso fosse possível.

Esse processo com o Piniqum foi essencial para mim, voltei a escrever, revisitar textos que fazia quando mais nova e dá corpo a eles. Nunca imaginei o quão satisfatório poderia ser tirá-los do papel, é claro que ao escrever ainda aparece muitas incertezas na minha cabeça, se o que estou escrevendo faz sentido, a quem poderia interessar, seria algo realmente bom de alguma forma? Muitas dessas perguntas me rodeavam, mas não desisti de tentar. Depois da história do Piniqum percebi que essa não seria a única dele, como eu disse era uma pequena história de um momento de sua vida, então por que não ter outras?

A partir da disciplina Pedagogia do Teatro III, que estava como aluna especial, comecei a testar essa vontade que pulsava em mim. Ainda em formato de vídeo produzi a contação da segunda história do Piniqum, que intitulei como “Piniqum e a garotinha” fazendo com que a primeira se tornasse “Primeiro voo”. Diferente da primeira, foi um vídeo finalizado e não ao

vivo no online, muito do público que tive foram os próprios participantes da disciplina ou amigos, no entanto, recebi o retorno de uma mãe que assistiu com a sua filha e diziam o quanto tinham gostado. A mãe relatou o tanto que a filha ficou focada na história, mesmo em tela, disse como ela acompanhava meus gestos, repetindo-os desde o movimento do passarinho voando aos olhos que se arregalaram em determinado momento. Também recebi um áudio da própria criança contando sobre a história e foi muito gostoso escutar a mesma, na visão de uma criança, entender um pouco do seu mundo pelo olhar que fazia de um texto e uma contação que era minha. A partir daí criei mais três histórias desse mesmo passarinho (histórias que assim como a primeira surgem de passagens da minha vida), a ideia era que as cinco formassem um pequeno livro “Aventuras de Piniquim”, uma vontade próxima é ter a contação de todas em vídeo, já um estudo para a contação presencial também.

Enquanto ainda aprimoro essa ideia de ter vídeos de todas as histórias do Piniquim, deixo aqui o acesso para o vídeo que já é concreto, a contação “Piniquim e a garotinha”:
<https://youtu.be/WODWkqT7QVA>

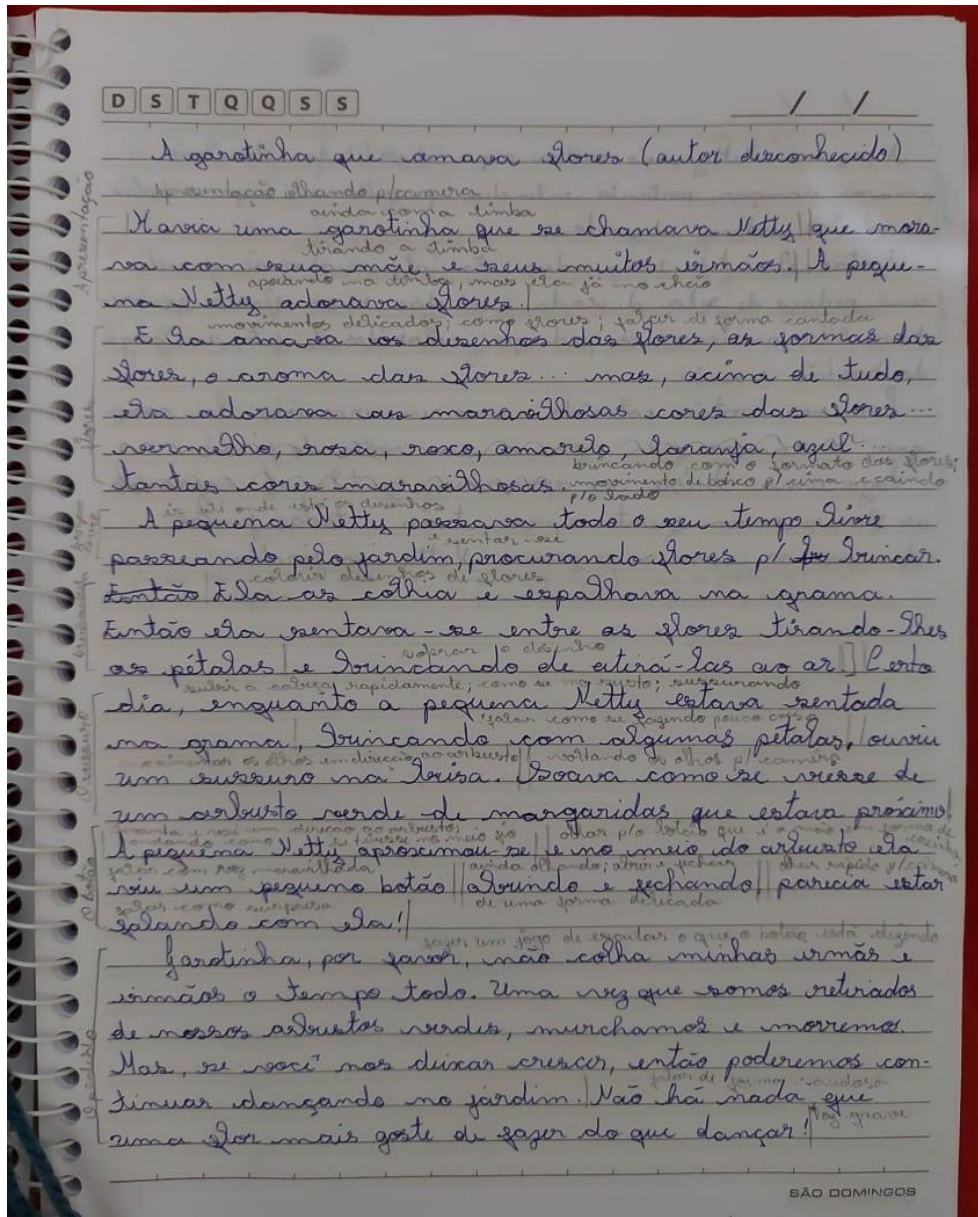
3. A EXPERIÊNCIA PRÁTICA COM AS CRIANÇAS NO COMUFU

A prática presencial ganha forma. Ao longo da minha trajetória na faculdade aprendi a contação de histórias também como uma abordagem metodológica para uma aula de teatro. Depois de passar por três estágios supervisionados curriculares, na área da licenciatura, comecei a refletir sobre tudo que vivi neles, buscando um caminho para o quarto e último estágio. O Estágio Supervisionado IV é um componente curricular que tem como objetivo elaborar e desenvolver projetos artísticos e pedagógicos (oficinas de teatro) na comunidade, através dos discentes da graduação em Licenciatura do curso, atendendo pelo nome de COMUFU. Os estagiários oferecem oficinas de Teatro para comunidade, atendendo a diversos públicos, coordenados e orientados por professores do curso de Teatro. Nesse semestre as oficinas tiveram início a partir de junho de 2022, aconteceram em formato presencial com divisões de trios de estagiários que ficam responsáveis pela concepção, planejamento e execução de tais oficinas.

Foi engraçado perceber depois de um tempo como o ato de contar histórias esteve presente em todas as minhas experiências de estágio, dentro da graduação. E em comum acordo como trio, constituído por mim, Sara Bernardes e Verônica Bizinoto, chegamos à proposta (para o estágio supervisionado 4, ou seja, o COMUFU oficinas de teatro para a comunidade) de uma oficina que teve a experiência com o teatro a partir de jogos dramáticos e contação de histórias. Tínhamos como intuito estimular o imaginário e sensorial da criança. “Oficina de teatro para crianças – Historietas Brincantes”, para crianças de 5 a 7 anos.

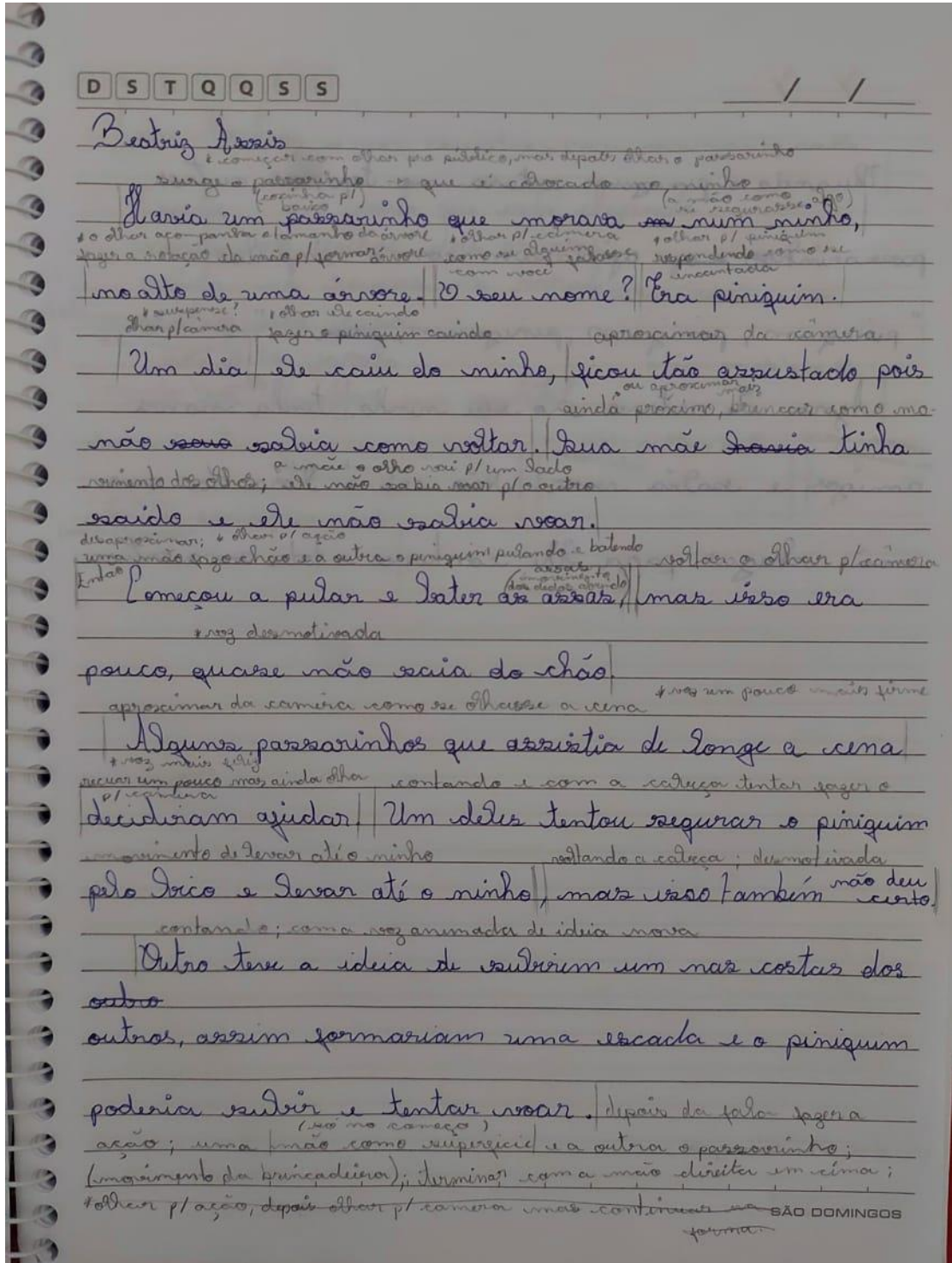
O que irei relatar aqui é a experiência que tive em algumas dessas aulas (oficinas) que pude colocar em prática a contação de história, de forma presencial. Uma das histórias que decidi trabalhar com a turma foi “A garotinha que amava flores”, tendo agora a visão de dois lados de uma história, percepções das telas para o presencial. Para isso precisei revisitar a história, trabalhar e readaptar o meu corpo para a contação, uma vez que a primeira formação para esta contação eu havia feito para um formato remoto. Algo que me ajudou a retomar essa história que já estava no meu corpo foi o caderno que mencionei no capítulo anterior, caderno no qual está para além de só escrever as histórias, é onde faço anotações desde gestos corporais, olhares a entonações.

Figura 1 – Caderno de registros: Parte da história “A garotinha que amava flores”



Fonte: acervo próprio

Figura 2 - Caderno de registros: Parte da "Primeiro Voo", (Piquim)



Fonte: acervo próprio

Talvez só eu entenda essa baguncinha organizada que faço nesse meu caderno (a qualidade da foto também não ajuda muito), mas é isso, o caderno para mim é o estudo do texto, é o

entendimento das palavras, é o descobrir sentidos, é o como levar ao corpo e acima de tudo é como um botão para reativar minha memória para histórias, contações que estão ali.

Essa experiência de COMUFU é diferente de contar somente uma história um dia, e não ver mais o público. Aqui em um primeiro encontro comecei a conhecer às crianças e consegui introduzir a contação antes mesmo dela chegar, o que também vejo como preparação para a contação. Digo isso no sentido das práticas anteriores à história, que conseguimos ministrar antes da contação. Trabalhamos jogos com elementos da natureza, jogos que introduziram e começaram a criar um jardim encantado. Dessa forma começamos a mergulhar indiretamente na história que iria contar e a partir de desenhos (que surgiram de uma atividade com instruções de colocar no papel o que tem no seu jardim encantado, como ele é) as crianças ainda mesmo sem saber ajudaram na construção de um cenário para a história. Tendo feito essas atividades em um encontro anterior ao que eu faria a contação da história.

As preparações sempre começam antes das crianças chegarem ao local dos encontros. No dia da contação da história (segundo encontro), arrumei um cantinho da sala para ser feita a contação. Nas paredes preguei os desenhos dos jardins feito por eles (numa tentativa deles se sentirem pertencentes a esse jardim, esse processo), pendurei tecidos em um outro canto da parede, não só para o cenário, mas usaria em um momento após a contação da história.

Figura 3 – Cantinho para contação de história



Fonte: acervo próprio

Na chegada das crianças nós as recebemos, em roda, relembramos o encontro anterior e conversamos sobre o que eles haviam percebido de diferente na sala, pois já tinham explorado o espaço e reconhecido os seus desenhos (alguns até mostraram aos responsáveis que os levavam até ali). Depois para começar as atividades e estarmos presentes fizemos duas cantigas de roda (dança circular) e depois passamos para um alongamento, despertando o corpo de uma forma lúdica e já mergulhando no ambiente da história que viria a seguir. Foi um alongamento feito dentro de um pomar/jardim imaginário. Dentro desse campo imaginário formamos uma grande minhoca para passear por todo o jardim e dentro desse jogo as crianças me ajudaram a chamar a história, com uma canção que eu já usava anteriormente para minhas contações de história, mas dessa vez ao invés de estar cantando sozinha decidi trazer as crianças para esse momento também. Posicionaram-se para ouvir a história ainda na canção, brincamos com essa canção cantando em diferentes volumes e velocidade até que eles todos já acomodados e eu posicionada senti a energia deles e me nutro pra começar a contação.

Figura 4 – Alongamento lúdico



Fonte: acervo próprio

É difícil descrever como foi, todos os anseios e preocupações que não me deixaram dormir na noite anterior havia sumido, o olhar atento das crianças para o que eu contava me impulsionava, a máscara (da covid) que cobria parte do meu rosto e limitava minhas expressões faciais não importava, eu sentia que estavam todos presentes comigo. A cada susto com uma mudança de entonação, ou a surpresa com um simples objeto que surge, mas não é esperado, a cada riso espontâneo, ao brilho no olhar de simplesmente mergulhar na história. Através do

vídeo eu não conseguia saber como as crianças recebiam a história, a não ser que alguém viesse me falar, o que gera um distanciamento entre o contador e o ouvinte, o que vai gerando dúvidas sobre as escolhas, até mesmo sobre o sentido do seu próprio trabalho.

Figura 5 – Contação “A garotinha que amava flores” (1)



Fonte: acervo próprio

Figura 6 – Contação “A garotinha que amava flores” (2)



Fonte: acervo próprio

A sequência da aula eu conduzi como uma continuidade da história, as atividades seguintes surgiam porque a pequena Netty (personagem da história contada) precisava da ajuda da turma para alguma coisa. Na história a Netty ama brincar com as flores e no decorrer ela descobre que o que as flores mais gostam de fazer é dançar, então a primeira atividade surge a partir da vontade da Netty ter mais flores (amigos) no jardim para poderem dançar. Fizemos um jogo de como seria essa plantação e o crescimento dessas flores até florirem. A partir de narrações as crianças faziam com o corpo o que era sugerido: primeiro eram sementes, foram plantadas, regadas, deixava de ser semente para ser uma plantinha (crescia um pouco), o sol estava muito quente e a plantinha murchava, vinha uma tempestade (com muito vento, chuva, trovão), a plantinha pendia para um lado, era adubada, por fim crescia por completo e desabrocha. Com esse processo finalizado as flores estavam prontas para dançarem com a Netty pelo jardim. Os tecidos que uma vez fazia parte do cenário já tinha sido entregue a cada um para se quisessem usar, depois um por um mostrou a dança da sua própria flor.

Figura 7 – Jogo narrativo (1)



Fonte: acervo próprio

Figura 8 – Jogo narrativo (2)



Fonte: acervo próprio

Para a outra atividade, ainda nesse jardim imaginário, já havia anoitecido e a Netty ainda precisava de ajuda, ela queria fazer uma surpresa para sua família e precisava de alguns materiais para isso. As crianças precisavam ajudar a reconhecer esses materiais, mas como estava a noite e escuro precisavam fazer sem a visão (vendados). Com cuidado e perguntando a cada criança, fomos vendando os olhos delas, para então passar por cada uma com bacias que continham semente, terra e água através do tato elas sentiam e tentavam reconhecer esses elementos. Depois de passar por todos eles diziam o que achavam que era, antes mesmo de conseguir dizer algo eles já estavam falando que a Netty iria plantar, que a surpresa era plantar a semente, então fizemos também esse momento de plantar, mas agora saindo um pouco do campo imaginativo e corporal. Levamos um potinho com terra para cada criança, daí eles puderam mexer nessa terra, cavar um burquinho para colocar a semente e até mesmo regar. Depois conversamos um pouco sobre esse processo do crescimento da planta que iria surgir, pois queriam ver crescer imediatamente. Todos colocaram nomes em suas plantinhas e puderam levar para casa. Como todas as aulas voltamos pra roda e terminamos o encontro com uma música de despedida.

Figura 9 – Descobrimdo elementos através do tato



Fonte: acervo próprio

Figura 10 – Plantando (1)



Fonte: acervo próprio

Figura 11 – Plantando (2)



Fonte: acervo próprio

Nessa experiência além de observar pude escutar das próprias crianças o que queriam me dizer: “Eu também gosto de dançar”; “Sabe tia, na minha casa tem um quintal enorme e minha mãe tem muita flor, eu gosto”; “Gostei de tudo na aula hoje”; “Adorei mexer na terra, plantar”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pandemia se agravava quando eu começava a mergulhar nas minhas pesquisas. Por isso, muitas vezes pensei em parar o que nem tinha começado. Era difícil enxergar como trabalhar nessa nova forma que nos foi imposta de forma tão repentina. Contudo, ainda bem que não parei. Hoje consigo observar como foi produtivo, para mim, esse momento remoto com a descoberta de novas experiências. No primeiro momento pandêmico fiz um aprofundamento do estudo e de técnicas. Tive a oportunidade de fazer estudos para conhecer e entender a primeira infância, estudos sobre a contação de histórias e principalmente como integrar esses dois universos. Tive oportunidade de criar pontes com grupos diversos, desde alunos de outras faculdades até professores que já estão na prática do exercer, ampliando minhas referências quanto aos temas e pessoas exemplos.

Trabalhar com o audiovisual foi uma das novas descobertas, e no caso da contação de história, percebo que muito se perde: a relação com a criança (espectador) se apresenta de forma mais fria, o que acaba por se perder. Não se consegue sentir como é a chegada das palavras, a minha energia vai para uma câmera e reata confiar que estou conseguindo prender a atenção de quem vai estar vendo. Por outro lado, acredito muito que o trabalho dessa forma visual me ajudou muito a pensar em termos estéticos, como a preparação do espaço para se contar a história. Pois com a câmera eu conseguia limitar o que o espectador assistia, mas no ao vivo isso não está muito em meu poder, então como é ter esse olhar atento ao todo (a história, movimento, espaço) uma vez que não temos o total controle do que o público está vendo.

Já nesse segundo momento, retornando aos encontros presenciais, consigo começar a desenvolver o que vinha estudando e aperfeiçoando, trabalhando agora o corpo a corpo, saindo das telas que por muito já foram excesso. Consigo trabalhar a partir de uma troca, pois me nutro da energia e das sensações que as crianças me passam para impulsionar o meu contar e conseguir alcançá-las. O encontro, o olho no olho. Só isso já apresenta uma potência enorme para quem conta e quem recebe. Acredito que deixa as coisas mais próximas, intimistas, talvez num sentido até de me (quem escuta) acolher naquela história. O que eu quero dizer é que no ao vivo eu tenho uma resposta ao meu trabalho de imediato, mesmo sem entrar em uma conversa, pois as reações, gestuais e corpo estão presentes.

Mais do que trazer a contação de histórias pro presencial, nessa etapa a percebi como uma metodologia para aulas ou oficina. Consigo desenvolver uma aula a partir de uma história, trabalhar o imaginário e o sensível da criança. Uma vez mais fortalecendo que a contação de

histórias não é só um caminho para a alfabetização, ela também acessa a corporalidade da criança, nutre as brincadeiras (trocas de repertórios criativos), trabalha o emocional (quando é significativa para criança, abre portas para se expressar, entendendo o que se passa dentro de si, suas vontades, trabalhando o seu sentido vital), aguça a musicalidade, estimula a socialização (aumentando a sua capacidade de compreensão do mundo) e acolhe a criança na totalidade que ela é. Para além disso, com a experiência que estou tendo com o COMUFU, eu me vejo no lugar de artista-professora, consigo me colocar nos dois modos para contação e condução, percebo a licenciatura e o bacharel em mim caminhando entrelaçados.

Agora sigo nessa pesquisa da contação de histórias e nessa minha descoberta enquanto artista-professora, uma vez que a minha experiência com o COMUFU não acaba por aqui, ainda sigo no processo, todavia por questões de cronograma só consegui relatar parte desse caminho. Pois o semestre acadêmico que me encontro ainda segue em andamento e a oficina com as crianças também.

Sempre acho complicado falar do futuro, ainda mais agora, terminando um trabalho de conclusão de curso, porque na minha cabeça sempre surge um “e agora?”. O curso está na reta final, mas consigo ver e pretendo não deixar os meus estudos morrerem. Até porque os estudos autônomos são importantes, e quando de fato acontecem eu sei que estou fazendo algo que gosto. A faculdade abre portas ou mostra caminhos, nós decidimos o que trilhar e como será essa jornada. Aqui nessa minha pesquisa, as Pedagogias do Teatro e os PROINTER (componentes curriculares do curso) me fizeram expandir o olhar para a licenciatura, que muitas vezes é um caminho incerto para mim. Foi onde entendi que a primeira infância e a contação de histórias são universos a serem explorados. O que me levou a fazer o PIBIC, com ele comecei minhas pesquisas e percebi o prazer na contação de histórias e na descoberta desse mundo da primeira infância. Algo que também foi de muito valor no meu percurso foram os Estágios Supervisionados (componentes curriculares), além de conseguir colocar em prática o que se aprende ao longo do curso (trabalhando o que lhe faz sentido, tem interesse), foi onde comecei a me construir como artista-professora e de fato entender essa possibilidade. Trouxe para mim o carinho e o encanto de trabalhar com a primeira infância na essência da licenciatura.

Para além desse trabalho, quero continuar a estudar, aprimorar/descobrir técnicas e continuar a coloca-las em prática, mesmo ainda não tendo tanta certeza de como vou fazer isso. Uma vontade que tenho também é tentar fazer um livro a partir das histórias do Piniquim que eu escrevi, fruto dos caminhos que escolhi seguir na iniciação científica e nesse trabalho de conclusão. Então o passo mais próximo que eu devo dar será entender o que eu preciso pra realizar esse desejo.

5. REFERÊNCIAS

BASSO, Ana Flávia. **11 cuidados na hora de criar histórias com gestos**. Ana Flávia Basso. Youtube. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=447cOXuX-A8>>. Acesso em: 27/11/2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Bebês como leitores e autores**. 1.ed.- Brasília: MEC / SEB, 2016.

BUSATTO, C. Livro **A arte de contar histórias no século XXI: Tradição e ciberespaço**. 4.ed. Editora Vozes, 2011.

CASTRO, Maria José Martins Gomes de. **Pedagogia Waldorf: uma educação baseada no diálogo, afeto e arte.** 01/12/2010 88 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO, Americana Biblioteca Depositária: UNISAL - Campus Maria Auxiliadora Trabalho anterior à Plataforma Sucupira.

CHAHIN, E. & TARDOS, A. **In Loving Hands: How the Rights for Young Children Living in Children's Homes Offer Hope and Happiness in Today's World** / Elsa Chahin & Anna Tardos. 1ª ed. – Xlibris, 2017.

CPI DOS PAIS: a importância de contar histórias para crianças. Entrevistadores: Fernando Aleixo e Mariene Perobelli. Entrevistada: Dra. Renata Ferreira da Silva. 08 setembro. 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/79v5nXOyN6jezrE0dvwb51?si=6wQciq8kTi-xijlG-MPXaA>. Acesso em: 24 setembro. 2020.

DAMASCENO, Mônica Maria Siqueira; FEITOSA, Anny Kariny. **Criança e natureza [livro eletrônico]: encontros e encantos**. Crato: Quipá, 2020.

Emmi Pikler e a Metodologia Pikler Lôczy. **Vila Sofia, Curitiba**. Disponível em: < [Emmi Pikler | Escola Vila Sofia](#)>. Acesso em: 03/05/2021.

FALK, Judit. (Coord.). **Abordagem Pikler educação infantil**. 1ed. São Paulo: Omnisciencia, 2016.

FONTES, HISTÓRICOS E PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA WALDORF / **Federação das Escolas Waldorf**. 1998. Disponível em: < <http://www.sab.org.br/fewb/pw3.htm> >. Acesso em: 13/12/2020.

FUCHS, Angela Maria Silva; FRANÇA, Maria Nani; PINHEIRO, Maria Salete de Freitas. **Guia para normalização de publicações técnico – científicas**. – Uberlândia: EDUFU, 2013.

HAGERTY, Colleen. Por que pais do Vale do Silício estão restringindo uso de celulares e tablets pelos filhos. **BBC NEWS / Brasil**, 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-48586734>>. Acesso em: 24/03/2021.

História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. KI-ZERBO, Joseph (Ed.). 2.ed.rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

MENDONÇA, R. **Atividades em áreas naturais** [livro eletrônico]. São Paulo: Instituto Ecofuturo, 2015.

PASSERINI, Sueli Pecci. **O fio de Ariadne: um caminho para a narração de histórias**. 2ªed. São Paulo: Antroposófica, 1998.

PERROW, S. **Histórias curativas para comportamentos desafiadores**. Tradução de Joana Maura Falavina. 2ª ed. – São Paulo: Antroposófica: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2013.

RACHID, Laura. Conheça os princípios da pedagogia Waldorf na infância. **Revista Educação**, 2018. Disponível em: <[Conheça os princípios da pedagogia Waldorf na infância \(revistaeducacao.com.br\)](http://revistaeducacao.com.br)>. Acesso em: 03/05/2021.

SCHOOREL, E. **Os primeiros sete anos – Fisiologia da infância**. São Paulo: Antroposófica, 2013.

SOARES, S. M. **Vínculo, movimento e autonomia: educação até 3 anos**. 1ed. São Paulo: Omnisciencia, 2017. (Coleção primeira infância: educar de 0 a 6 anos).